

A noção de transmissão hereditária do poder nas titulaturas dos Ptolomeus

José das Candeias SALES

Los elementos que constan en los nombres de la titulatura de los Ptolomeos reflejan una profunda teoría cultural y representan un verdadero receptáculo de conceptos e ideas de enorme significado y valor histórico-ideológico. A través de su estudio podemos aislar una serie de indicaciones sobre las componentes del concepto monárquico vigente entre los siglos III y I a.C.

En este texto, intentamos demostrar que la más importante diferencia y característica del protocolo de los Ptolomeos en relación con el de otros faraones del Egipto antiguo es el particular énfasis puesto en la cuestión de lo hereditario carnal como vector esencial en la transmisión del poder político.

The notion of hereditary transmission of power in the Ptolemaic titulatures

The elements of the Ptolemies' protocol names reflect a deep cultural conceptualization and represent an authentic repository of concepts and ideas which have enormous significance and historical-ideological value. By studying these names, one can isolate information about components of the monarchic concept in use between the centuries III and I BC.

In this paper, we shall demonstrate that the most important difference and characteristic of the Ptolemies' protocol, when compared with protocols used by other ancient Egyptian pharaohs, relies on the particular emphasis placed on the question of bloodline, seen as an essential vector in the transmission of political power.

KEY WORDS: *ptolemaic titulatures, political power*

Os elementos constantes nos Nomes do protocolo dos Ptolomeus reflectem uma profunda conceptualização civilizacional e representam um verdadeiro repositório de conceitos, ideias e valores de enorme significado histórico-ideológico.

A cuidadosa selecção e utilização desses elementos era um processo discutido e ponderado em que participavam, além do soberano, sacerdotes, altos funcionários e destacados membros

da família real, cabendo naturalmente aos sacerdotes egípcios autóctones, como sempre acontecera, a maior quota-parte na sua definição e estruturação devido aos profundos conhecimentos que detinham do passado egípcio e da tradição faraónica¹.

A titulatura dos Ptolomeus, mais ou menos original e criativa, a exemplo da dos faraós nativos de outras épocas anteriores e posteriores, constituiu um assunto de considerável relevância,

[217]

1. Bonhême, 1987: 12.

condensando os Nomes escolhidos completos programas histórico-ideológicos de existência e de actuação². Através do seu estudo, podemos isolar uma série de preciosas indicações sobre as componentes do conceito monárquico existente em determinado momento histórico ou, pelo menos, dos desejos ideológicos para eles canalizados, designadamente pelos sacerdotes³.

Antes de mais, não podemos esquecer que a dinastia lágida é geneticamente estrangeira e que a sua implantação no território egípcio necessitou do empenhado contributo dos guardiões da memória e dos protocolos que eram os próprios sacerdotes e que, neste sentido, a questão da herança, da descendência/ascendência, era fulcral

simultaneamente para os quadros mentais egípcios e macedónicos⁴.

Neste trabalho interessa-nos, pois, considerar a titulação dos Ptolomeus sobretudo com o objectivo de avaliarmos o peso e a importância conferidos à noção de transmissão hereditária do poder.

A partir dos informes atestados até hoje⁵, é possível estabelecer o seguinte quadro-geral das titulações faraónicas dos soberanos da dinastia lágida, de acordo com existência de fórmulas concretas que se refiram ao elemento hereditário no Nome de Hórus, no Nome das Duas Senhoras, no Nome de Hórus de Ouro e no *Praenomen*:

Faraó	Nome de Hórus	Nome das Duas Senhoras	Nome de Hórus de Ouro	Nome de Trono – <i>Praenomen</i>
Ptolomeu II Filadelfo			$\sqrt{6}$	
Ptolomeu III Evérgeta I	$\sqrt{7}$			$\sqrt{8}$
Ptolomeu IV Filopator	$\sqrt{9}$			$\sqrt{10}$
Ptolomeu V Epifânio	$\sqrt{11}$			$\sqrt{12}$
Ptolomeu VI Filometor		$\sqrt{13}$		$\sqrt{14}$
Ptolomeu VIII Evérgeta II	$\sqrt{15}$			$\sqrt{16}$
Ptolomeu IX Sóter II		$\sqrt{17}$		$\sqrt{18}$
Ptolomeu X Alexandre I	$\sqrt{19}$			$\sqrt{20}$
Ptolomeu XII Neos Dionisos	$\sqrt{21}$		$\sqrt{22}$	$\sqrt{23}$
Cleópatra VII	$\sqrt{24}$			
Ptolomeu XV				$\sqrt{25}$

2. Cf. Kaplony, 1980: col. 641- 659; Aufrère, 1982: 19-73; Grenier, 1987: 81-104; Grenier, 1989; Barta, 1989: 11-137; Meulenaere, 1991: 53-58; Parent, 1992: 347-354; Dobrev, 1993: 179-204; Leprohon, 1996: 165-171; Spieser, 2000; Serrano Delgado, 2001: 175-184.

3. Valbelle, 1988: 22.

4. Cf. Hölbl, 2001; Schneider, 1996.

5. Como referências bibliográficas-base para a consideração da titulação faraónica dos Lágidas e elaboração do quadro que se segue usámos: Gauthier, 1907; Beckerath, 1984: 117-123, 285-295; Beckerath, 1999: 232-247; Kurth, 1982: cols. 1193-1197.

6. *sh^ci.n-sw it.f*, “Aquele que surgiu no lugar de seu pai”.

7. *hkn-ntrw-rmt-hr.f m-šsp.f-nsyt-m^c-it.f*, “Aquele que agrada aos deuses e aos homens por ter recebido a realeza através de seu pai”.

8. *iw^c-n-ntrwy-snwyt stp-(n)-R^c shm-n-^cnh-n-Imn*, “O herdeiro dos Deuses Irmãos, o escolhido de Ré, imagem viva de Amon”.

9. *hwnw-kni sh^ci.n-sw it.f*, “O jovem valoroso, aquele que surgiu no lugar de seu pai”.

Duas primeiras observações globais do quadro elaborado, em relação à existência de “referências familiares”:

- 1) Ptolomeu II Filadelfo é historicamente o primeiro faraó da Casa Real lágida a integrar na sua titulação uma alusão directa à herança recebida do pai. A partir daí, todos os soberanos de destaque da dinastia lágida integraram nos seus Nomes (quase sempre, simultaneamente, em dois²⁶) esta vertente da hereditariedade.
- 2) *Os Nomes de Hórus e os Praenomina* são os Nomes do protocolo que maior atenção conferem a esta noção de transmissão hereditária do poder.

No caso dos *Praenomina*, quase todos os faraós utilizaram este Nome para destacarem o elemento hereditário (no total: 9). Desses, em termos de ocorrências absolutas, alguns têm

mais do que uma forma atestada (Ptolomeu XII apresenta quatro formas e os seus congéneres anteriores Ptolomeu VI, Ptolomeu IX e Ptolomeu X duas cada um). É, neste sentido, o elemento mais prolixo da onomástica lágida a englobar elementos relativos à questão hereditária.

Passemos agora a uma análise formal de pormenor dos vários Nomes dos Lágidas, onde se constata as referências referidas. Em relação ao **Nome de Hórus** dos Ptolomeus, pode afirmar-se que ele é atravessado por uma indelével concepção de que a delegação e o exercício da realeza são dois vectores resultantes de uma dupla atribuição: a herança carnal e a aprovação divina.

No que diz respeito à noção de transmissão hereditária, ela é, de facto, muito forte no Nome de Hórus dos Lágidas²⁷, designadamente nos seguintes casos:

10. *iw^c-n-ntrwy-mnhwy stp-(n)-Pth wsr-k3-R^c shm-^cnh-(n)-Imn*, “O herdeiro dos Deuses Benfeitores, o escolhido de Ptah, poderoso é o *ka* de Ré, imagem viva de Amon”.
11. *hwnw h^ci-m-nsw-hr-st-it.f*, “O jovem que surgiu como rei no lugar de seu pai”.
12. *iw^c-n-ntrwy-mr(w)y-it stp-(n)-Pth wsr-k3-R^c shm-^cnh-(n)-Imn*, “O herdeiro dos Deuses que amam o pai, o escolhido de Ptah, poderoso é o *ka* de Ré, imagem viva de Amon”.
13. *m-M3^ct sh^ci.n-sw it.f*, “Aquele que surgiu no lugar de seu pai com/ em Justiça”.
14. *Praenomen 1 - iw^c-n-ntrwy-prwy stp-n-Pth-Hpri iri-M3^ct-Imn-R^c* - “O herdeiro dos Deuses Manifestos, o escolhido de Ptah-Khepri, aquele que faz reinar a justiça de Amon-Ré”; *Praenomen 2 - iw^c-n-ntrwyprwy stp-n-Pth iri-M3^ct-n-Imn-R^c-r-nhh*, “O herdeiro dos Deuses Manifestos, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Amon-Ré pela eternidade”.
15. Três formas: Nome de Hórus 1- *hwnw hkn.tw-m-^cnh-f-hr-nst-it.f m^cr-spw dsr-msh^cw.f-hn-^cHpw-^cnh*, “O jovem cuja vida na realeza de seu pai é agradável, aquele que é bem sucedido nos seus actos, que se distingue no seu nascimento por aparecer com o Ápis vivente”; Nome de Hórus 2 – *hwnw hkn.tw-hr-ns-it.f tit-dsr(t)-nt-nsw stp-n-Itm-ds.f*, “O jovem cuja vida na realeza de seu pai é agradável, imagem sagrada do rei dos deuses, imagem viva do próprio Atum”; Nome de Hórus 3- *hwnw hri-tp-pdt-9 s3-Wsiri msi-m-3st šsp-n.f-nsyt-R^c-m-^c-it.f*, “O jovem, suserano dos Nove Arcos (= inimigos), filho de Osíris, nascido de Ísis, que recebeu a realeza de Ré através de seu pai.
16. *iw^c-n-ntrwy-prwy stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c shm-^cnh-(n)-Imn*, “O herdeiro dos Deuses Manifestos, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”.
17. *sh^ci-sw-mwt.f-hr-nst-it.f it-t3wy m m3^c-hrw*, “Aquele que a sua mãe colocou na realeza de seu pai, soberano das Duas Terras, o justificado”.
18. *Praenomen 1 - iw^c-(n)-ntr-mnh-ntrt-mr(t)-mwt.s-ndt(t) stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c shm-^cnh-(n)-Imn*, “O herdeiro do deus benfeitor e da deusa benfeitora, que ama a sua mãe, o salvador, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”; *Praenomen 2 - iw^c-n-ntrwy-mnhwy stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c shm-^cnh-n-Imn*, “O herdeiro dos Deuses Benfeitores, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”.

- *m-šsp.f-nsyt-m^c-it.f*, “aquele que recebeu a realeza através de seu pai” (Ptolomeu III)²⁸;
- *sh^ci.n-sw it.f*, “aquele que surgiu no lugar de seu pai” (Ptolomeu IV);
- *h^ci-m-ns-w-hr-st-it.f*, “aquele que surgiu como rei no lugar de seu pai” (Ptolomeu V);
- *hr-nst-it.f*, “na realeza de seu pai” (Ptolomeu VIII: Nome de Hórus 1 e Nome de Hórus 2);
- *nsyt-R^c-m^c-it.f*, “recebeu a realeza de Ré através de seu pai” (Ptolomeu VIII: Nome de Hórus 3);
- *sh^ci.n-sw-mwt.f-hr-nst-it.f*, “aquele que a mãe colocou na realeza de seu pai” (Ptolomeu X)²⁹;
- *ihn-msw(t)-hr-nst-it.f*, “brilhando na realeza de seu pai” (Ptolomeu XII);
- *twt-n-it-s*, “imagem sagrada de seu pai” (Cleópatra VII).

A unidade minimal composta *hr-nst-it.f* ou as suas equivalentes *n-sw it.f*, *hr-st-it.f* e *nsyt-...-it.f*, integra, portanto, os Nomes de Hórus de vários Ptolomeus: Ptolomeu III, Ptolomeu IV, Ptolomeu V, Ptolomeu VIII, Ptolomeu X e Ptolomeu XII³⁰. A ênfase comum vai, notoriamente, para *it.f*, “de seu pai”. Neste particular, Cleópatra VII é muito mais “modesta”, sendo considerada apenas “imagem sagrada de seu pai” (*twt-n-it-s*).

Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu IX Sóter II são os únicos reis da dinastia lágida que convocaram a noção de hereditariedade do poder para o **Nome das Duas Senhoras**.

No caso de Ptolomeu IX, a forma encontrada numa das designações do seu Nome das Duas Senhoras, *sh^ci-sw-mwt.f-hr-nst-it.f itj-t3wy m m3^c-hrw*, “aquele que a sua mãe colocou na realeza de seu pai, soberano das Duas Terras, o jus-

19. *ntry-m-ht hnn.n-sw-Hpw-^cnh-hr-mshn(t) hwnw-nfr bnr-mrwt sh^ci.n-sw-mwt.f-hr-nst-it.f tm3^c hwi-h3swt itj-m-shm.f-mi-R^c-psd.f-m-3ht*, “Divino no seu corpo, aquele que está associado com o Ápis vivente sobre os seus tijolos de nascimento, jovem perfeito, puro de amor, aquele que a mãe colocou na realeza de seu pai, de braço poderoso, que derrota as terras estrangeiras, aquele que, como Ré, ilumina o horizonte com o poder das suas conquistas”.
20. *Praenomen 1 – iw^c-(n)-ntr-mnh-ntrt-mnh-t-s3t-R^c stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c snn-^cnh-n-Imn*, “O herdeiro do deus benfeitor e da deusa benfeitora, filha de Ré, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”; *Praenomen 2 – mry-ntr-mnh-ntrt-mnh-t-s3t-R^c stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c snn-^cnh-n-Imn*, “O amado do deus benfeitor e da deusa benfeitora, filha de Ré, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”.
21. *hwnw-nfr bnr-mrwt tni-sw-nbr^{sic}-rhyt-hn^c-k3.f dw3.n.f-hnmw-šps-r-šsp-n.f-h^c(t)-m-ns-w ssn.n-shnw-m-h^cw-mi-Nd-it.f ihn-msw(t)-hr-nst-it.f-mi-Hr-k3-nht ity-psd-m-T3mri-mi-Hpw-^cnh rdi-n.f-h3bw-sd-^cš3w-wrw-mi-Pth-T3ttnn.it-ntrw*, “O jovem perfeito, puro de amor, cujo *ka* foi distinguido pelo povo das Duas Senhoras, que o adorável Khnum venera tanto que recebeu a coroa e surgiu como rei, aquele que se uniu a si próprio com as obras de seu pai, em alegria, aquele que brilha na realeza de seu pai como Hórus, o touro vitorioso, soberano que ilumina a Terra Amada como o Ápis vivente, a quem foram concedidos muitos festivais-*sed* por intermédio de Ptah-Tatjenen, o pai dos deuses”.
22. *ihn-msh^c-hr-nst-it.f Hr-k3-nht*, “que desponta na realeza de seu pai, Hórus, touro vitorioso”.
23. *Praenomen 1 – iw^c-n-p3-ntr-nti-nhm stp-n-Pth iri-M3^ct-n-R^c shm-^cnh-n-Imn*, “O herdeiro do deus que protege/ salva, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”; *Praenomen 2 – iw^c-n-p3-ntr-nti-nhm stp-n-Pth iri-M3^ct-Imn-R^c*, “O herdeiro do deus que protege/ salva, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Amon-Ré”; *Praenomen 3 – iw^c-n-p3-ntr-nhm stp-(n)-Pth iri-M3^ct^{sic}*, “O herdeiro do deus que protege/ salva, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça”; *Praenomen 4 – p3-ntr-mry it snt Wsiri hwnw* (θεός φιλόπατωρ φιλάδελφος νεός Διόνυσος), “O deus que ama o pai e a irmã, jovem Osiris”.
24. *wrt twt-n-it-s*, “A grande, imagem sagrada de seu pai”.
25. *iw^c-(n)-p3-ntr-nti-nhm stp-n-Pth iri-M3^ct-R^c shm-^cnh-n-Imn*, “O herdeiro do deus que protege/ salva, o escolhido de Ptah, aquele que faz reinar a justiça de Ré, imagem viva de Amon”.

tificado”, refere-se ao seu primeiro reinado (116-110 a.C.), tal como atesta a expressão *mwt.f*, “a sua mãe”, numa clara alusão a Cleópatra III, com quem dividiu a realeza. A fórmula *sh^ci-sw-mwt.f-hr-nst-it*, “aquele que a mãe colocou na realeza de seu pai” usada por Ptolomeu IX será depois retomada por Ptolomeu X no seu Nome de Hórus, como vimos.

Também Ptolomeu VI Filometor, que, pelo seu Nome das Duas Senhoras, é *sh^ci.n-sw it.f*, “aquele que surgiu no lugar de seu pai”, recupera uma fórmula (*sh^ci.n-sw it.f*) antes dele usada, como detectamos, no Nome de Hórus de Ptolomeu IV.

Estas analogias inter-textuais dos protocolos dos Lágidas permitem perceber que o traço da herança carnal ou da noção de transmissão hereditária da realeza de pai para filho é uma componente muito comum, quase obrigatória, nas suas titulações, embora possa flutuar entre os vários Nomes de um mesmo faraó ou de um faraó para outro.

Um dos **Nome de Hórus de Ouro** conhecido de Ptolomeu XII Neos Dionisos (*naos* do templo de Debod, na Núbia-Madrid) consagra as expressões finais *thn-msh^c-hr-nst-it.f Hr-k3-nht*, “que desponta na realeza de seu pai, Hórus, touro vitorioso”³¹, o que se conjuga com o que

este mesmo faraó, como vimos, convocou para o seu Nome de Hórus (“aquele que se uniu a si próprio com as obras de seu pai, em alegria, aquele que brilha na realeza de seu pai como Hórus”).

É possível constatar, igualmente, com relativa curiosidade, que o Nome de Hórus de Ouro de Ptolomeu II Filadelfo recorre à utilização da fórmula *sh^ci.n-sw it.f*, “aquele que surgiu no lugar de seu pai”, que já detectamos nos Nomes das Duas Senhoras de Ptolomeu VI e nos Nomes de Hórus de Ptolomeu IV.

É preciso, todavia, atender que, apesar de ser dos poucos faraós (acompanhado apenas por Ptolomeu XII) que remete tais termos para o seu Nome de Hórus de Ouro, ele é historicamente o primeiro dos Lágidas, como já salientamos, a fazê-los constar de uma titulação faraónica, ou seja, dito de outra forma, é o primeiro a valorizar a herança paterna do trono do Egito.

Recorde-se, a propósito, que, como referimos, o Nome de Hórus de Ptolomeu X e o Nome das Duas Senhoras de Ptolomeu IX concedem lugar à variante equivalente *sh^ci.n-sw-mwt.f*, “aquele que a sua mãe ...” – a frase continua com “colocou na realeza de seu pai”.

26. Apenas escapam a esta regra Ptolomeu II Filadelfo, Cleópatra VII e Ptolomeu XV Cesarião, além, obviamente, de Ptolomeu I Sóter que não recebeu a realeza “de seu pai”. Ptolomeu XII, excepcionalmente, convoca referências à sucessão hereditária do poder em três dos seus Nomes do protocolo.

27. Sendo o Nome da titulação que é antecedido pela designação Hor (Hórus), o Nome de Hórus subentende o faraó como a encarnação do antigo deus da mitologia egípcia, Hórus, filho de Osiris, e é talvez o mais apropriado para expressar as ideias de transmissão e herança do poder.

28. No *LÄ IV* usa-se sempre a transliteração *nswit* para “realeza”, em vez de *nswt* como faz Beckerath. Tal regra aplica-se igualmente nos casos do Nome de Hórus de Ptolomeu VIII (frase 5) e dos Nomes de Hórus de Ouro de Ptolomeu IX (Cf. Kurth, 1982: cols. 1194 e 1195).

29. A fraseologia deste Nome de Ptolomeu X concilia criativamente as fórmulas já constatadas em Ptolomeu IV e Ptolomeu VIII.

30. Apenas por confronto com os Argéadas, diga-se que Alexandre IV Aigos, filho de Alexandre Magno, tem um Nome das Duas Senhoras cujo sentido é similar: *rdi-n.f-i3wt-n-it.f*, “aquele que foi colocado na função de seu pai”.

31. Estas expressões não surgem transliteradas por Beckerath, mas são-no por Kurth em *LÄ IV*, col. 1195, tal como sugere a inscrição hieroglífica in LdR 4: 401, XXX B.

Atendendo aos *Praenomina* apresentados, podemos verificar que há, a partir de Ptolomeu III Evérgeta (deixando de fora, portanto, apenas os reinados de Ptolomeu I Sóter, Ptolomeu II Filadelfo e Arsínoe II), um esquema fixo subjacente à composição deste Nome protocolar constituído pela aglutinação de três grandes núcleos significativos³²:

iw^c-n-ntrwy-... + stp-n-... + ... ^cnh-(n)-Imm

O primeiro destes núcleos (*iw^c-n-ntrwy-...*, “o herdeiro dos Deuses ...”) admite variações de pormenor relacionadas com a ascendência carnal específica de cada um dos soberanos. As variações são as seguintes:

- *iw^c-n-ntrwy-snwy*, “o herdeiro dos Deuses Irmãos” (Ptolomeu III³³);
- *iw^c-n-ntrwy-mnhwy*, “o herdeiro dos Deuses Benfeitores” (Ptolomeu IV, Ptolomeu IX³⁴);
- *iw^c-n-ntrwy-mr(w)y-it*, “o herdeiro dos Deuses que amam o pai” (Ptolomeu V³⁵);
- *iw^c-n-ntrwy-prwy*, “o herdeiro dos Deuses Manifestos” (Ptolomeu VI, Ptolomeu VIII³⁶).

No caso do faraó Ptolomeu X Alexandre I, o primeiro núcleo não trata os ascendentes em conjunto, como em todos os casos anteriores, optando pelo tratamento individual, mas, no fundo, trata-se do mesmo núcleo significativo:

iw^c-(n)-ntr-mnh-ntrt-mnh (“o herdeiro do deus

benfeitor e da deusa benfeitora”) e *mry³⁷-ntr-mnh-ntrt-mnh* (“o amado do deus benfeitor e da deusa benfeitora”).

Também no caso de Ptolomeu IX, três das quatro formas (1, 2 e 3) começam pela expressão *iw^c-(n)-ntr*: *iw^c-(n)-ntr-mnh-ntrt-mr(t)-mwt.s-ndt(t)*, “o herdeiro do deus benfeitor e da deusa benfeitora, que ama a sua mãe, o salvador”. Trata-se, uma vez mais, de formas relativas ao seu primeiro reinado, como atesta a presença da expressão *mr(t)-mwt.s*, “que ama a sua mãe”, numa alusão directa a Cleópatra III.

Da mesma forma, a variante de primeiro núcleo das titulações de Ptolomeu XII e de Ptolomeu XV, remetendo apenas para a ascendência masculina, integra-se na mesma lógica conceptual: *iw^c-(n)-p³-ntr.nti.nhm* (“o herdeiro do deus que protege/salva”).

Pode ter havido, no caso de Ptolomeu XV, algum embaraço em justificar a sua legitimidade e, por isso, os sacerdotes não lhe atribuíram uma titulação original, copiando e aplicando pura e simplesmente o *Praenomen* 2 de Ptolomeu XII, seu avô materno³⁸.

Isto significa que podemos, em rigor, indicar três alternativas para o primeiro núcleo:

- *iw^c-n-ntrwy-...*, “o herdeiro dos Deuses ...”;
- *iw^c-(n)-ntr-...*, “o herdeiro do deus ...” e

[222]

32. Consideramos núcleos significativos as expressões ou frases que o uso tradicional canonizou como vectores obrigatórios da onomástica real egípcia, em geral, e, paulatinamente, em especial, da onomástica lágida.

33. Referência ao casal Ptolomeu II/ Arsínoe II.

34. A forma atribuída a Ptolomeu IX é a do seu segundo reinado, onde não consta o elemento *mr(t) mwt.s*, (“que ama a sua mãe”) típico do seu primeiro reinado. No caso de Ptolomeu IV, a designação corresponde ao casal Ptolomeu III/ Berenice II e no caso de Ptolomeu IX a Ptolomeu VIII e Cleópatra III.

35. A designação refere-se a Ptolomeu IV e Arsínoe III.

36. Para ambos os reis, a menção refere-se a Ptolomeu V e Cleópatra I.

37. Neste caso, *mry* é um sinónimo de *iw^c*.

38. Chauveau, 1997: 62, 63.

- $iw^c-(n)-p3-ntr-$..., “o herdeiro do deus...”.

Quanto ao segundo núcleo ($stp-n-$..., “o escolhido de ...”), as possibilidades de composição detectadas são as seguintes:

- $stp-(n)-R^c$, “o escolhido de Ré” (Ptolomeu I, Ptolomeu III);
- $stp-n-Pth$, “o escolhido de Ptah” (Ptolomeu IV, Ptolomeu VI, Ptolomeu VIII, Ptolomeu IX, Ptolomeu X, Ptolomeu XII e Ptolomeu XV);
- $stp-n-Pth-Hpri$, “o escolhido de Ptah-Khepri” (Ptolomeu VI).

A este segundo núcleo junta-se um complemento que admite também algumas formas distintivas:

- $stp-n-... + mry Imn$, “o escolhido de ... + o amado de Amon” (Ptolomeu I³⁹);
- $stp-n-... + wsr-k3-R^c$, “o escolhido de ... + poderoso é o *ka* de Ré” (Ptolomeu IV, Ptolomeu V)⁴⁰;
- $stp-n-... + iri-M3^ct-R^c$, “o escolhido de ... + aquele que faz reinar a justiça de Amon-Ré” (Ptolomeu VI⁴¹, Ptolomeu VIII, Ptolomeu IX, Ptolomeu X, Ptolomeu XII⁴² e Ptolomeu XV).

O terceiro núcleo ($...-^cnh-n-Imn$, “...- viva de Amon”) está ausente no *Praenomen* de Ptolomeu VI e em duas (de quatro) formas do de Ptolomeu XII. Em todos os outros - Ptolomeu III, Ptolomeu IV, Ptolomeu V, Ptolomeu VIII, Ptolomeu

IX, Ptolomeu X, Ptolomeu XII (uma forma) e Ptolomeu XV - é elemento obrigatório.

Há duas expressões atestadas para introduzir este núcleo: shm e snn . A segunda destas expressões só se constata no *Praenomen* de Ptolomeu X. Em ambas as formas, o sentido parece ser, não obstante, o mesmo (“imagem”), pelo que, de certa maneira, se podem encarar como sinónimos e considerar o terceiro núcleo dos *Praenomina* dos Lágidas como o mais “rígido” ou com menos flutuações.

Todas as cambiantes verificadas, mais ou menos ligeiras, relacionadas directamente com a história pessoal de cada soberano ou com (diferentes) associações de divindades do panteão egípcio, não alteram o sentido global deste Nome real. São uma espécie de “nota pessoal”, muito ténue, no âmbito de um Nome que é regido por fórmulas de composição rígidas e determinadas.

A análise efectuada da titulatura dos Ptolomeus permite-nos, realmente, destacar a importância conferida pela mentalidade egípcia dos séculos III a I a.C. ao elemento hereditário na transmissão do poder político.

Os sacerdotes-compositores dos Nomes do protocolo, cientes do valor da ascendência-descendência para a legitimação do poder político dos novos reis do país, geneticamente estrangeiros, enfatizam as noções de ligação consanguínea e de filiação como essenciais para a sucessão no poder, recorrendo a vários Nomes e a várias fórmulas-tipo, como sejam a evocação

39. Embora não partilhe dos três núcleos típicos do *Praenomen* que aqui tratamos, Ptolomeu I foi, porém, o primeiro a incorporar a unidade $stp-n-R^c$ no seu Nome de Trono.

40. Entre os Lágidas, a unidade $wsr-k3-R^c$ foi usada pela primeira vez por Ptolomeu II.

41. No caso deste faraó, o complemento exacto introduz uma pequena variação: $iri-M3^ct-Imn-R^c$. Talvez devido a esta peculiaridade, D. Kurth prefere apresentar a expressão como $iri-m3^ct-R^c-Imn$, numa inversão bizarra da corrente designação “Amon-Ré” (Cf. Kurth, 1982: col. 1194).

42. Para Ptolomeu XII, em dois dos seus quatro *Praenomina* encontram-se também duas ligeiríssimas “nuances”, aqui também apresentadas a negrito: $iri-M3^ct-n-R^c$ e $iri-M3^ct-Imn-R^c$.

da realeza recebida “de seu pai” (*it.f*) ou “de sua mãe” (*mwt.f*), patente nos Nomes de Hórus, ou o núcleo significativo *iw^c-n-...*, “o herdeiro de ...”, com abundantes exemplos nos *Praenomina*.

Também os Nomes de Hórus de Ouro (como é exemplar o caso de Ptolomeu II Filadelfo, historicamente o primeiro lágida a valorizar a herança paterna do trono do Egipto e a fazê-lo figurar na onomástica real, através da fórmula *sh^ci.n-sw it.f*, “aquele que surgiu no lugar de seu pai”) ou dos Nomes das Duas Senhoras (como se verifica com Ptolomeu VI, que reaproveita a fórmula do Nome de Hórus de Ouro de Ptolomeu II) colaboraram, embora com menor número de referências e de faraós a usarem estes Nomes, no destaque conferido à noção da transmissão hereditária da realeza.

É preciso recordar que durante o período ptolomaico a ideia da transmissão hereditária da realeza se estendeu inclusive ao próprio Alexandre Magno. A tradição lendária que envolve o último faraó autóctone é-nos igualmente acessível quer pela *Crónica Demótica* (conjunto de oráculos obscuros e suas interpretações, datada do séc. III a.C.), quer por um fragmento de papiro datado do séc. II a.C., traduzido de demótico para grego, o *Somnium Nectanebi*, quer pela lenda arménia sobre o nascimento de Alexandre, quer, sobretudo, pelo *Romance de Alexandre* do Pseudo-Calístenes, que marcará todo o período medieval. Todas estas fontes dão grande ênfase às narrativas que estabelecem uma artificiosa ligação linhagística entre o último faraó egípcio autóctone Nakhthorheb (Nectanebo II), descrito como sacerdote perito em artes mágicas e em

prever o futuro por meio da lecanomania⁴³ e o seu pretenso filho e de Olímpíade, que, entretanto, seduzira. Assimilado ao deus Amon (de quem manteve a suave pele e os chifres, embora tivesse adoptado a forma de uma serpente ou de um dragão) Nectanebo fez de Alexandre filho de Amon. A lenda dá a Alexandre um (novo) pai e a herança do trono do Egipto. O oráculo de Siuah apenas confirmaria esta vertente lendária da filiação⁴⁴.

A necessidade absoluta de verosimilhança histórica destes traços “familiares” faz com que no caso dos Ptolomeus, em contraste com a situação de Alexandre Magno, a maioria das fórmulas ou núcleos analisados sejam alusões a situações históricas precisas e determinadas. É um exemplo de um segmento da construção ideológica em que a realidade vem em auxílio da idealização.

Aquilo que um faraó era ou pretendia ser manifestava-se nos títulos e Nomes que escolhia e usava. “Ser rei” no Egipto ptolomaico é, sob muitos aspectos, o resultado directo de ser “filho/herdeiro de reis”, tanto no plano físico como metafísico.

O que é extraordinário no caso dos Ptolomeus e digno de realce são a forte presença da noção da sucessão/herança nos seus Nomes e a ênfase que os seus protocolos conferem à questão da hereditariedade carnal como vector essencial na transmissão do poder. Esta é a mais importante diferença e característica do protocolo dos Ptolomeus em relação aos nomes de outros faraós do Egipto antigo.

[224]

43. Cf. Pseudo-Calístenes, *Romance de Alexandre*, I, 1-14.

44. Cf. Sales, 2005: 76,77; Menu, 1995a: 247-262; Menu, 1995b: 353-356.

BIBLIOGRAFIA

- AUFRÈRE, S.
1982 Contribution à l'étude de la morphologie du protocole "classique", *BIFAO* 82: 19-73.
- BARTA, W.
1989 Zur Konstruktion der ägyptischen Königsnamen, *ZÄS* 116: 4-9, 11-137.
- BECKERATH, J. VON
1984 *Handbuch der Ägyptischen Königsnamen*, *MÄS* 20. München.
1999 *Handbuch der Ägyptischen Königsnamen*, *MÄS* 49. München.
- BONHÈME, M.-A.
1987 *Les noms royaux dans l'Égypte de la Troisième Période Intermédiaire*. Le Caire.
- CHAUVEAU, M.
1997 *L'Égypte au temps de Cléopâtre. 180-30 av. J.-C.* Paris.
- DOBREV, V.
1993 Considérations sur les titulatures des rois de la IVe dynastie égyptienne, *BIFAO* 93: 179-204.
- GAUTHIER, H.
1907 *Le Livre des Rois 4. Époque Macedo-grecque. Recueil de titres et protocoles royaux, noms propres de rois, reines, princes et princesses, noms de pyramides et de temples solaires, suivi d'un index alphabétique*. Le Caire.
- GRENIER, J.-CL.
1987 Le protocole pharaonique des empereurs romains (Analyse formelle et signification historique), *RdE* 38: 81-104.
1989 *Les titulatures des empereurs romains dans les documents en langue égyptienne*. Bruxelles.
- HÖLBL, G.
2001 *A History of the Ptolemaic Empire*. London, New York.
- HUSSON, G.; VALBELLE D.
1992 *L'état et les institutions en Égypte. Des premiers pharaons aux empereurs romains*. Paris.
- KAPLONY, P.
1980 Königstitulatur, *LÄ* III: col. 641- 659.
- KURTH, D.
1982 s.u. Ptolemaios, *LÄ* IV: cols. 1193-1197.
- LEPROHON, R. J.
1996 The programmatic use of the royal titulary in the twelfth dynasty, *JARCE* 33: 165-171.
- MENU, B.
1995a Le tombeau de Pétoiris (4). Le souverain de l'Égypte, *BIFAO* 98: 247-262.
1995b Alexandre le Grand, *hk3 n kmt*, *BIFAO* 99: 353-356.
- MEULENAERE, H. DE
1991 Le protocole royal de Philippe Arrhidée, *Mélanges Jacques-Jean Clère. CRIPEL* 13. Papyrologie. Archéologie: 53-58.
- PARENT, F.
1992 Seth dans l'Horus d'or des titres royaux, in Obsomer, Cl. (ed.): *Amosiadès. Mélanges offerts au Professeur Claude Vandersleyen par ses anciens étudiants*, Louvain-la-Neuve: 347-354. [225]
- SALES, J. C.
2005 *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolomaico (305-30 a.C.)*. Lisboa.

SCHNEIDER, T.

1996 *Lexikon der pharaonen*. München.

SERRANO DELGADO, J. M.

2001 La titulación real de los faraones persas, in Cervelló-Autuori, J.; Quevedo Álvarez, A. J. (eds.): ... *Ir a buscar leña. Estudios dedicados al Prof. Jesús López*, (*Aula Aegyptiaca. Studia 2*), Barcelona: 175-184.

SPIESER, C.

2000 *Les noms du Pharaon comme êtres autonomes au Nouvel Empire*. (OBO 70). Freiburg (Schweiz) / Göttingen.

VALBELLE, D.

1998 *Histoire de l'État pharaonique*. Paris.

Trabajos de Egiptología
Papers on Ancient Egypt



Número 5/2
2009

Actas
III Congreso Ibérico de Egiptología
III Congresso Ibérico de Egiptologia

Editores
Miguel Ángel Molinero Polo
Covadonga Sevilla Cueva

Editor

Miguel Ángel Molinero Polo
Universidad de La Laguna

Consejo Editorial

Antonio Pérez Largacha
Universidad de Castilla-La Mancha

José-R. Pérez-Accino
Birkbeck, Universidad de Londres

Covadonga Sevilla Cueva
Universidad Autónoma de Madrid

Comité Científico

Josep Cervelló i Autuori
Universitat Autònoma de Barcelona

M^a José López Grande
Universidad Autónoma de Madrid

Josep Padró i Parcerisa
Universitat de Barcelona

M^a Carmen Pérez Die
Museo Arqueológico Nacional, Madrid

Ester Pons Mellado
Museo Arqueológico Nacional, Madrid

José M. Serrano Delgado
Universidad de Sevilla

Colaboradores Editoriales

Linda Steynor
English editorial assistant

Hervé Mourioux
Assistant éditorial pour la langue française

TRABAJOS DE EGIPTOLOGÍA está producida por *Isfet. Egiptología e Historia*
c/ Blanco 1, 2º
38400 Puerto de la Cruz
Tenerife-Islas Canarias
España

Maquetación: Proyecto Limón

© Autores de los artículos aparecidos
y Consejo Editorial de *Trabajos de Egiptología - Papers on ancient Egypt*

Depósito Legal: TF-2303-2009
ISSN: 1695-4750

Imprime: Gráfica Los Majuelos, S.L.L.
imprensa@graficaslosmajuelos.com
Tfno.: 922 31 14 55

Comité Científico
III Congreso Ibérico de Egiptología
III Congresso Ibérico de Egiptologia

Miguel Á. Molinero Polo

Universidad de La Laguna

Presidente del Comité Organizador del III Congreso Ibérico de Egiptología

Miembro del Comité Organizador del I Encuentro de Egiptología

Josep Cervelló Autuori

Universitat Autònoma de Barcelona

Presidente del Comité Organizador del II Congreso Ibérico de Egiptología

José Manuel Galán Allué

Consejo Superior de Investigaciones Científicas

Director del Proyecto Djehuty, Luxor, Egipto

M^a Helena Trindade Lopes

Universidad de Lisboa

Directora de la Misión Arqueológica Portuguesa en Menfis

Josep Padró i Parcerisa

Universitat de Barcelona

Director de la Misión Arqueológica de Oxirrinco

Antonio Pérez Largacha

Universidad de Castilla - La Mancha

Miembro del Comité Organizador del I Encuentro de Egiptología

José Ramón Pérez-Accino

Birkbeck College, University of London

Miembro del Comité Organizador del I Encuentro de Egiptología

M^a. Carmen Pérez Díe

Museo Arqueológico Nacional

Directora de la Misión Arqueológica Española en Heracleópolis Magna, Egipto

Covadonga Sevilla Cueva

Universidad Autónoma de Madrid

Miembro del Comité Organizador del I Encuentro de Egiptología